

# Assembléia vai frustrar povo, avisa Brizola

É ao mesmo tempo otimista, a longo prazo, e pessimista, quanto ao futuro próximo — aí incluída a Constituinte —, a visão do governador Leonel Brizola sobre as perspectivas do Brasil. Quatro horas de conversa informal, todos descontraídos pelo uísque e o vinho, permitiram a um grupo de jornalistas de Brasília submetê-lo a uma verdadeira sabatina. A imagem que emergiu das respostas diretas e dos raciocínios desenvolvidos por Brizola não corresponde à de um radical.

Sobre os militares, por exemplo, fez uma defesa até veemente do papel das Forças Armadas na formação nacional e na sustentação da soberania do Estado. “As Forças Armadas são o esqueleto da Nação. Elas sustentam a árvore de pé e não podem deixá-la tombar, senão de todos os cantos surgirão as machadinhas nas mãos mais insuspeitadas para nos pilharem a lenha”. Cobra dos militares, é claro, escrupuloso respeito à ordem constitucional, mas afirma que a grande maioria é legalista, por formação e princípio.

Brizola nem mesmo acusa as Forças Armadas pelo descabro econômico-social, atribuindo-o antes aos políticos e ao que Tancredo Neves chamou de “falência das elites”. Indigna-o o entreguismo do capitalismo nacional, a falta de dignidade com que a burguesia industrial e a aristocracia rural conduzem o País frente à economia mundial. Compara-nos com a Austrália, também um país continental, ainda exportador de matérias-primas, pouco industrializado, uma nação mais jovem que a brasileira — e no entanto com uma renda per capita quase igual à norte-americana. “O que eles têm que nós não temos? Nada, a não ser dignidade política, elites que cumprem a vontade nacional de que o desenvolvimento econômico beneficie todo o povo. O dólar que os bancos internacionais colocam lá custa a metade do preço que pagamos aqui”, contou Brizola — que visitará proximamente a Austrália, ainda como governador do Rio.

Duas vezes governador, de sua terra natal e de sua terra de adoção política, o engenheiro Leonel Brizola, aos 65 anos, não parece concordar com a confissão do presidente José Sarney aos governadores eleitos pelo PMDB, no recente jantar em palácio, segundo a qual a tarefa mais gratificante para o homem público é governar o próprio Estado. Brizola quer mais. “A direita tem pavor de mim, a esquerda me tacha de autoritário, o centro me considera radical. Por que insisto? Porque em todo canto do País encontro quem me escute, quem queira a mesma coisa que eu quero. Essa é a minha tarefa de homem público: convencer as pessoas de que a única saída é dar dignidade à política, acabar com o fisiologismo, com o domínio do Estado pelas oligarquias, restabelecer a moralidade pública”.

Há muito elegeu a vida pacífica, por meio dos partidos políticos, para tentar a conquista do poder e a implantação do socialismo democrático, capitalista.

Ri dos que lhe apontam a contradição de ser inimigo do capital e ao mesmo tempo latifundiário no Uruguai. “Tenho apenas 1.500 hectares no Uruguai, um rancho modesto, um estabelecimento de trabalho que adquiri com a venda de tudo o que tinha no Brasil ao partir para o exílio. Além disso, tenho um pequeno apartamento em Montevideu e meu apartamento no Rio. É tudo o que sobrou do patrimônio de minha mulher, e hoje temos um terço do que tínhamos em 1964”.

O governador Brizola recusou-se a dar receitas econômicas para o Brasil, na hipótese de eleger-se presidente, embora insistentemente solicitado. “Seria pretensão, pois a condução conjuntural da economia depende dos fatores que estiverem acontecendo naquele momento”. Cobraram-lhe que, sem definições precisas, sobrava apenas um discurso. Reagiu: “Não é discurso; são princípios”.

Faria, de qualquer forma, a estatização dos bancos, a reforma agrária, a redução sistemática da máquina burocrática do Governo. “O problema não está no déficit público ou num excesso de gastos do Governo, mas sim em acabar com o empreguismo e a ineficiência para aplicar melhor este dinheiro, que ainda é pouco”. Deu um exemplo: no Rio havia 2 mil fiscais de renda e ele congelou as vagas abertas; agora vai extinguir 1.200 desses cobiçados cargos. “São 1.200 filho, genros e apaniguados que o Moreira Franco não vai poder nomear”.

Sua primeira prioridade — “a prioridade absoluta do Brasil” — é “salvar as crianças da fome e da ignorância”. É tarefa para “dois ou três governos”, mas Leonel Brizola não tem dúvidas de que o País possui os recursos necessários “sem pedir empréstimos e sem aumentos”, para colocar todas as crianças em creches e em centros integrados de ensino público à imagem dos que criou no Rio. (Final, quantos são? Não respondeu precisamente: uns tantos em funcionamento, outros prontos mas ainda em processo de instalação e treinamento de pessoal, “o que exige pelo menos 120 dias”, alguns em construção, muitos com as estruturas pré-moldadas já em fabricação e com terreno assegurado, os 500 da propaganda eleitoral “contratados e garantidos para a população”).

Este é o Brizola otimista. O pessimista acha que a Constituinte vai frustrar o povo, porque é conservadora e vai trabalhar num quadro autoritário, não democrático, sob o comando de um presidente da República que só considera legítimo para um curto período de transição, mas não para impor um programa de governo de alcance mais amplo. “Há novos espaços de liberdade”, reconhece, “porém no mais das vezes é liberdade para falar, não para fazer”.

É para fazer, segundo sua concepção do que é necessário fazer, que Leonel Brizola continua na luta. Tem disposição o engenheiro.